

No Rio, donas-de-casa já preparam mobilização

AGÊNCIA ESTADO

As donas-de-casa cariocas também estão se preparando para formalizar seu protesto contra os aumentos de preços: para isso, pensam em retomar a organização do "movimento das donas-de-casa" com o objetivo não só de encaminhar reclamações a autoridades como também o de manter uma severa vigilância sobre os preços e divulgar os locais onde determinados produtos estão sendo vendidos mais baratos.

A mobilização, que vem crescendo principalmente no interior dos supermercados do Rio, começou a acontecer no início dessa semana, mesmo antes do aumento dos combustíveis. O principal motivo das reclamações foi o "sumiço" do açúcar refinado das prateleiras e o posterior anúncio da liberação dos preços do produto.

No Rio, também já estão mais caros o arroz (30%), o óleo de soja (40%), o feijão (17%), além da carne e do frango que, em média, subiram 40%. Também entre os hortigranjeiros, os aumentos foram bastante criticados pelos consumidores que, ontem, pagaram 43% a mais no quilo do tomate e 41% na alface.

A expectativa de novo congelamento fez subir ainda o preço dos serviços com algumas empresas prestadoras e profissionais autônomos atrelando seus preços à variação das OTN. Os reajustes excessivos vêm sendo detectados principalmente nos honorários médicos, salões de barbeiro e beleza e academias de ginástica.

FRETES

Os preços dos mais diferentes produtos que já estavam sendo reajustados por conta da possibilidade de um novo congelamento, sofrerão um novo aumento devido ao encarecimento do frete, em consequência da elevação dos combustíveis. O presidente em exercício da Federação dos Clubes de Diretores Lojistas do Rio Grande do Sul, João Pedro Escosteguy, disse que os reajustes de preços deverão ser mais evidentes nos produtos de alimentação e nos eletrodomésticos, que têm no frete um fator importante na formação de seu custo final.

Ele está preocupado com esta situação porque entende que o consumidor, que já estava com seu poder aquisitivo reduzido, também sofre com o aumento dos preços dos combustíveis e "vai ter menos dinheiro no bolso para comprar". Já o vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Paulo Vellinho, é de opinião que, embora a repercussão des-



Jovem de Freitas 11/02/87

Nos supermercados, queixas contra as remarcações

te novo aumento de combustíveis seja variada para os diferentes segmentos da atividade produtiva, o reflexo maior deverá ser na indústria siderúrgica. Quanto aos outros ramos industriais, Vellinho afirmou que o frete "não tem impacto substantivo" e, por isto, não deve provocar aumentos no preço final dos produtos.

DESESPERO

A escalada dos preços já está provocando o desespero nos consumidores, que se vêem obrigados a se privar de produtos e serviços básicos, como uma dona-de-casa de Santos que dizia ontem que "tudo está tão caro que não tenho condições de acompanhar". Outra revelava que, com um salário de Cz\$ 3.500 já não sabe como sobreviver e estava pensando em ir a pé ao trabalho, para economizar o dinheiro das quatro conduções que toma diariamente: "A passagem de ônibus custa Cz\$ 4,50, mas pode passar a Cz\$ 11,00".

Em Santos, a queixa é para produtos como açúcar, que passou de Cz\$ 6,00 para Cz\$ 15,00 (e já está faltando); frango, de Cz\$ 22,00 para Cz\$ 50,00; ovos, de Cz\$ 12,00 para Cz\$ 25,00 e feijão, de Cz\$ 22,00 para Cz\$ 32,00 e está com péssima qualidade. A carne de segunda passou de Cz\$ 57,00 para Cz\$ 100,00 e a de primeira de Cz\$ 80,00 para Cz\$ 150,00, cobrada "conforme a cara do freguês".

Em Curitiba, o assunto tomou

conta das conversas da esquina, nas praças; nos pontos de ônibus e a perplexidade é geral diante dos aumentos de preços. "Os preços enlouqueceram" comentam os consumidores. Nos magazines e supermercados, os preços são remarcados à frente dos compradores. Um freezer Westinghouse, de 180 litros, por exemplo, dobrou de preço durante a semana. E mesmo às vésperas do Dia das Mães, as lojas estavam vazias ontem, apesar dos descontos oferecidos para pagamento à vista.

"COMÉRCIO SEM CULPA"

Em Belo Horizonte, o presidente da Confederação Nacional das Associações Comerciais do Brasil, Amaru Temporal, procurou defender os comerciantes: "Que o governo não levante o dedo para acusar o comércio pela alta inflacionária, porque ele é que é diretamente responsável pela formação de preços", disse, atribuindo as remarcações às tarifas e preços de produtos das empresas estatais. Para ele, se o comércio não reajustar no mínimo de 30 em 30 dias "corre risco de sobrevivência". Disse ser contrário a novo congelamento e defendeu a necessidade de controle de preços sobre os oligopólios e monopólios, porque "controle de preços generalizado é uma falácia".

Em Manaus, onde o custo de vida é um dos mais altos do País, consumidores esperam dias piores, principalmente após o aumento nos derivados de petróleo, já que comércio, serviço e indústria praticam também suas remarcações.